

LUGARES DE RAMÓN DE VALLE-INCLÁN NA CENA TEATRAL

LUIZ HUMBERTO MARTINS ARANTES¹

A língua portuguesa e a língua espanhola possuem laços de longa data, em que se revezam momentos de aproximação e distanciamento. Poderíamos iniciar falando dos históricos hibridismos entre Portugal e Espanha, que se resultou em guerras entre mouros e cristãos, também tornou possível uma cultura que nós, brasileiros, conhecemos muito bem e, ainda, herdamos toda uma riqueza ibérica que localizamos por aqui, a começar por nossas festas populares, como as ‘cavalhadas’.

Não esqueçamos que o próprio território brasileiro já foi dividido ao meio por Portugal e Espanha, quando no século XV (1494) foi assinado o Tratado de Tordesilhas. Neste sentido, mesmo distante, a presença espanhola possuiu aqui uma presença e históricos laços com o território brasileiro.

Nos tempos atuais, diante de um mundo que se pretende cada vez mais globalizado, o estudo de outras línguas e o conhecimento de outras culturas tem sido de suma importância. Em nosso continente sul-americano estabeleceu-se faz algum tempo que o Mercosul é uma prioridade econômica e cultural. Neste sentido, a presença do Brasil como único país de língua portuguesa ao sul da América tem indicado que uma aproximação cultural com os países de língua espanhola é uma urgência. Um exemplo, é o fato de que recentemente o governo brasileiro aprovou o ensino obrigatório del español nas escolas brasileiras.

O presente texto apresenta-se como uma ponte entre duas culturas, duas línguas e dois continentes. É o resultado de investigações realizadas na Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), cujo foco de observação é o diálogo entre estes dois países e sua dramaturgia. Para começar, elegemos uma das obras de Ramón de Valle-Inclán: *Divinas Palavras*, mas, no entanto, o objeto de análise será a recepção da referida obra teatral no contexto brasileiro.

O multi escritor Ramón de Valle-Inclán nasceu na região da Galícia, Espanha, em 1866, mas foi após estabelecer-se em Madrid, a partir de 1895 que passou a exercer o ofício literário e dramaturgic. Ali buscava inspiração para a escrita de uma de suas principais obras: *Divinas Palavras*.

¹ Pesquisador doutor junto aos programas de Artes e Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia/FAPEMIG
lharantes@yahoo.com.br

A peça *Divinas Palavras* é uma das obras de Valle-Inclán mais conhecidas mundialmente, em seu enredo percebe-se o tratamento dramático a uma Galícia rural e ancestral. Nesta peça, o autor explora sentimentos como a avareza e a crueldade do ser humano, ao ponto de nos fazer perguntar: o ser humano está predestinado à dor?

No Brasil esta peça foi encenada por muitos diretores, mas duas delas merecem destaque: a primeira delas data de 1998, dirigida pela alemã radicada no Brasil: Nelle Franke. A partir de uma escrita cênica bastante instigante a diretora conseguiu aproximar a Galícia ancestral de Valle-Inclán com os rincões brasileiros, com a idéia de sertão presente na vida interiorana brasileira e bastante explorada na literatura e dramaturgia brasileiras².

Mais contemporânea podemos situar a montagem do Grupo Sátyros de São Paulo. Este grupo marca um dos mais importantes momentos de mudança do teatro brasileiro neste início de século XXI, sendo responsável pela ocupação da abandonada Praça Roosevelt, em São Paulo, tornando um espaço urbano abandonado em potencial espaço de criação artística e teatral. Para além disto, foram responsáveis por uma instigante montagem da obra *Divinas Palavras*.

Em nossas pesquisas, algumas das opções teóricas tem sido muito importantes, tais como os estudos sobre o tema da memória. Inicialmente, para identificar o lugar de Valle-Inclán na construção de uma memória do teatro espanhol, o que significa pensar um pouco sobre a história do teatro espanhol no século XX. Por outro lado, há que assinalar que Valle-Inclán sempre foi um autor que escreveu centrado nos temas de seu tempo, intervir politicamente no contexto de sua vida e sua arte.

Deste modo, tem sido interessante ver como funcionam os processos criativos de *Divinas Palavras* acerca de uma memória individual e coletiva, em que as experiências de vida do escritor aparecem estar relacionadas com uma memória de grupo, na qual a comunidade na qual nasceu, cresceu e se formou estão presentes em sua visão de mundo, o que o aproxima do pensamento de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva.

Por outro lado - porque nosso enfoque é também a recepção de Valle-Inclán no Brasil - pretende-se fazer uso também das abordagens acerca da relação dos estudos teatrais com a *Estética da Recepção*, uma vez que tem prevalecido a idéia de que entender a obra pressupõe,

² Há que se mencionar a comunicação de pesquisa: Se debe mencionar la ponencia de investigación: INFANTE, Joyce Rodrigues Ferraz. 'Divinas Palavras': un montaje con acento brasileño. In: *Congreso Internacional Valle-Inclán y las Artes*, Universidad de Santiago de Compostela, 25 a 28 de outubro de 2011.

inclusive, entender seu leitor. O ato da leitura cumpre, portanto, seu objetivo também no contato com o leitor. No caso da obra de Valle-Inclán, acompanhar a leitura de seus críticos, mas também observar o que os criadores teatrais vem encenando de suas peças, no caso, a respeito de *Divinas Palavras*.

No século XX, dois importantes teóricos da comunicação refletiram a respeito da questão da *Estética da Recepção*: Wolfgang Iser e Hans Robert Jauss. Para o primeiro, a análise da recepção deve se dar no âmbito do texto, pois acredita que exista um autor e um leitor detectáveis no interior da própria escritura.

Ao analisar a obra literária e sua recepção, Iser acredita que o estudioso deve atentar para a idéia de que a recepção do texto explicita um leitor implícito. Este caminho não significa o abandono do leitor real, haja vista que somente quando *o leitor real assume o papel do leitor implícito é que a mensagem do texto o atinge e a comunicação se realiza*. (SARTINGEN, 1998: 18).

Para Iser, o ponto de partida é o texto, pois é nele que se localiza um leitor implícito, que, por sua vez, lança apelos a um leitor real, o qual, estimulado pela leitura, preenche os ‘vazios’, as ‘lacunas’ de sentido que no texto são potenciais. Uma opção de análise que encaminha na direção da idéia de que o leitor participa do processo criativo da obra transpondo signos para sua consciência. Tal procedimento é chamado por Iser de ‘Ato da Leitura’. (ISER, 1996: 54).

Como mencionado, outro importante teórico especialista na questão da recepção é Hans Robert Jauss. Diferentemente de Iser, Jauss quer uma análise da recepção voltada para o leitor real, pois prefere o leitor empírico, o histórico-social.

Na complexa relação entre autor e receptor, há, segundo Jauss, um interessante dado a ser considerado, qual seja, a idéia de que o autor também se orienta por expectativas no que diz respeito aos receptores. Em outras palavras, uma produção estética que se orienta considerando padrões de leitura do público apreciador, havendo, assim, a ocorrência de um *horizonte de expectativas*. (SARTINGEN, 1998: 20).

A teoria da história, mais especificamente a história cultural de Roger Chartier, soube articular a idéia de um leitor implícito com a de leitor real, quando da busca de uma historicidade da cultura livresca. Para Chartier, os sentidos não são inerentes apenas aos

textos, pois são constantemente construídos pelas interpretações daqueles que se servem da escritura.

O tratamento dado à receptividade no teatro exige a observação de algumas especificidades, pois, antes mesmo do contato com o público, há o encontro da obra com diretores, atores e outros profissionais, o que implica constatar a existência de mediadores na assimilação/compreensão de uma obra. Deste modo, o fenômeno teatral, como encenação, permitiria a existência de uma dupla recepção: uma primária, realizada pelos criadores do processo, e outra secundária, concernente ao público receptor. (LINK, apud SARTINGEN, 1998: 32).

Por esta perspectiva é que entende-se ser importante analisar a recepção a uma importante peça de Valle-Inclán no teatro brasileiro. É de conhecimento de estudiosos brasileiros que sua peça *Divinas palabras* foi, por duas vezes encenada no teatro brasileiro: na primeira pela alemã radicada no Brasil Nelle Franke, hoje residente em Salvador mas que ainda guarda matérias desta montagem da obra do dramaturgo espanhol.

Mais recentemente, o *Grupo Sátyros* de São Paulo realizou a montagem desta mesma peça, tendo circulado por vários festivais, inclusive Curitiba, propiciando uma nova criação e a recepção de *Divinas Palabras* no território brasileiro.

Diante destas duas experiências é possível avaliar o interesse dos criadores brasileiros pelas fortes imagens presentes na escrita de Valle-Inclán, depois, tendo ambas as montagens alcançado um considerável público, pode-se avaliar que o interesse pela dramaturgia espanhola – tradição e contemporaneidade – tem crescido substancialmente nos últimos anos, o merece ser investigado.

Divinas Palabras possui como data de publicação o ano de 1919, porém só veio a estrear em 1934, muito depois de seu surgimento. O grupo de pesquisa Taller de Investigaciones Valleninclanianes/Revista El Pasajero, de Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), por meio da investigadora Josefa Bauló realizou um amplo estudo acerca das da maioria das montagens tetarais da obra aqui estudada.

No texto de Valle-Inclán desenvolve-se a Idoia de que todo ser humano parece predestinado à dor, especialmente quando se trata de dividir heranças familiares, momento em que uma pessoa aproxima-se da ambição sem limites, é a queda em desgraça de toda a

família. A história do personagem Laureano pedinte, explorado para ganhar esmolas, mostra a exploração da miséria em alto grau.

Uma segunda linha de narrativa em *Divinas Palabras* é a noção em torno da personagem Mari Gaila que, seducida por Séptimo Miau, ou seja, por ter tyraído o marido é perseguida por sua comunidade. Está, em Valle-Inclán, o debate sobre as quesotes de moralidade que habita em todos nós.

Não se sabe ao certo quantas e quais montagens de Divinas palabras foram produzidas no teatro brasileiro, este é um trabalho que ainda precisa ser realizado. São, no entanto, muito conhecidas hoje em dia, dois espetáculos: um com direção de Nehle Franke, em 1998 e outra realizada pelo Grupo Sátyros de São Paulo, em 2008. Assim, são dez anos entre uma estréia e outra.

No teatro brasileiro, o texto do dramaturgo espanhol Valle-Inclán (1866-1936) recebeu a adaptação da jovem diretora Nehle Franke, com a colaboração de dois compositores da música regional brasileira: Xangai e Elomar. contando, também, com a presença, por sua vez, com atores baianos. Esta mescla de raízes contribuiu para o caráter universal da obra, destacando a beleza e o espanto em cena.

O trabalho de Nehle Franke com a dramaturgia de Valle-Inclán foi uma busca das características brasileiras e latinas no autor espanhol. O que foi reforçado com a presença dos atores baianos e dos cantores Elomar e Xangai, que trouxeram as peculiaridades do interior do Brasil para o universo de Valle-Inclán.

Xangai, Elomar, Nehle Franke y los vibrantes actores de Bahia he capturado de Valle-Inclán una universalidad conmovedora. Es un espectáculo que une el sufrimiento de Brasil, ayer y hoy, a el sufrimiento de muchas personas. El grito del acordeón y canto llano de el cantante que conecta las escenas representan el lamento de una humanidad besando el rostro de la muerte mientras huían de ella. Los dispositivos son muchos para vivir. *Palabras Divinas* no preconiza juicio de valor, no quiere transmitir mensajes. Haz, de buen tamaño, su recorte lírico e cruel de la pequeñez que habita en los corazones de los muertos - vivos que vagan, aquí y por allá, el interior de Brasil. (SANTOS, 1998).

O Grupo Sátyros surgiu na década de 1990, junto com os primeiros trabalhos veio também a necessidade de ter uma sede própria, um espaço em que pudessem ensaiar e também realizar os espetáculos. Encontraram na Praça Roosevelt, centro de São Paulo, o

lugar possível. Esta praça, até então era conhecida pelo abandono, pela presença de marginais, drogas e prostituição³.

Assim, a peça que narra a vida de Laureano e como ele é explorado pela família, ou seja, a história de uma família que vive da miséria alheia, caiu como uma luva na trajetória do grupo e coincidiu com o que eles desejavam falar naquele momento: viver explorando um lugar de miséria ou interagir com este lugar ao ponto de torna-lo vivo artisticamente.

Diferentemente da peça de Nehle Franke, a proposta do grupo Sátyros dialoga com o espaço urbano, exagera na estética do grotesco, já presente em Valle-Inclán, sublinha os elementos cômicos, também já indicados no texto, afinal trata-se de uma tragicomédia. Além disso, incorporam elementos da cultura brasileira às temáticas espanholas e europeias presentes na obra de Divinas Palavras.

Nas Palavras da crítica do período de lançamento do espetáculo:

Apesar de muitos conflitos se dissiparem com toda a alegoria proposta, várias imagens formadas em cena são ótimas: a iluminação que brinca com as sombras dos atores e com a textura das paredes rústicas do espaço, o coro dos vizinhos-corvos-dançarinos-pop, o coro das caveiras de sucata, os bonecos de madeira, as movimentações de todo o enorme elenco, o vídeo que expande o alcance da platéia para além da sala, o cachorro monstruoso que lembrava o coelho assustador de Donnie Darko etc, etc, etc. Já a trilha sonora, desta vez não é pueril como o Yann Tiersen de *A Vida na Praça Roosevelt* ou improvável como o tango eletrônico franco-argentino de *Inocência*: é recheada de macarronices que têm tudo a ver com a proposta, mas é menos marcante. (<http://www.bacante.com.br/critica/divinas-palavras>)

A proposta estética teatral do grupo era fazer bom teatro, mas foram além, provocaram um redimensionamento do espaço urbano. Um ambiente antes sem a presença das pessoas ganhou vida, provocando na população e em suas autoridades de é sim possível reocupar a cidade sem aparatos coercitivos mas também com cultura e arte. A Praça hoje passa uma reforma geral, com implantação de uma grande escola de arte, reformas estruturais e outras reformas que visam incentivar a sociabilidade.

A obra de Valle-Inclán participou deste momento do Grupo Sátyros. A peça é um exemplo de não podemos ser tolerantes com a presença da miséria e das injustiças, e que, quando não se pode resolver de imediato há que se denunciá-las. O teatro de Valle-Inclán produzido no contexto brasileiro demonstra a capacidade deste autor de dialogar com outros

³ La dirección fue de Rodolfo García Vázquez, la pieza em su estrena trae como elenco los actores: Silvanah Santos, Alberto Guzik, Ivam Cabral, Cléo De París, Nora Toledo, Laerte Késsimos, Phedra D. Córdoba, Angela Barros, Daniel Tavares, Fabio Penna, Marba Goicocchea, Mariana Olivaes, Soraya Aguilera e Tiago Leal.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

contextos mas também mostra as interações entre Europa e América, diálogos possíveis, sem a presença de hierarquias e dominações, mas um diálogo rico em trocas, inclusive simbólicas.

Referências Bibliográficas

- BAULÓ, Josefa. Especial Divinas Palabras. In: *El Pasajero* – Revista de Estudios sobre Ramón de Valle-Inclán. Disponível em <http://www.elpasajero.com/>, acessado em 10/10/2011.
- BERMEJO MARCOS, Manuel. *Valle Inclán: introducción a su obra*. Madrid: Anaya, 1971.
- RAMON, Francisco Ruiz. *Historia del teatro espanol*. Madrid. Alianza Editorial. 1967
- SARTINGEN, Kathrin. *Brecht no Teatro Brasileiro*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SANTOS, Valmir. Montagem baiana dirigida pela alemã Nehle Franke traduz universalidade do autor Valle-Ínclan. In: *O Diário de Mogi*, 29/03/1998. Caderno A-4. Disponível em http://www.teatrojornal.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=394:divinas-palavras-expoe-mortos-vivos&catid=35:diario-de-mogi&Itemid=34. Acessado em 10/10/2011.
- SOLER, Manuel Aznar. Vicente Llorens en la Francia de 1939: la encrucijada vital de un intelectual republicano exiliado, en Varios, *La guerra civil española, 1936-1939. Congreso Internacional*, Madrid, Sociedad Estatal de Conmemoraciones Culturales, 2008, pp. 1-19.
- VALLE-INCLÁN, Ramon del. *Divinas Palabras*. Madrid: Espasa-Calpe SA, 1976.